

1 — CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário**. 2. ed. Porto Alegre, Movimento; IEL; INL, 1979, 263 p.

A literatura sul-rio-grandense e o seu público leitor têm, agora, graças ao trabalho do professor Guilhermino Cesar, no que concerne ao restabelecimento do texto, a nova edição de **O corsário**, romance rio-grandense de José Antônio do Vale Caldre e Fião, escrito em 1849 e editado pela primeira vez em 1851.

O autor é gaúcho de Porto Alegre. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro onde exerceu, também, o jornalismo, tendo fundado o jornal "O Filantropo", um dos primeiros periódicos abolicionistas brasileiros.

Da corte, transferiu-se para Porto Alegre. Aqui, foi médico e jornalista. Foi o primeiro presidente da Sociedade Partenon Literário (fundada em 18 de junho de 1868), cuja Revista, que teve a sua primeira publicação em 1869, ajudou a fundar. Elegeu-se deputado pelo Partido Liberal, pertencendo à ala Progressista do mesmo, pois, no seu modo de pensar, a liberdade e o progresso estavam na cultura e não na luta armada, motivo pelo qual na obra em estudo não mostra os feitos militaristas e a revolução Farroupilha em si.

Segundo Guilhermino Cesar¹, **O corsário** é o primeiro romance histórico brasileiro. Histórico e regionalista. Histórico, no nosso entendimento, porque remete o leitor a uma situação histórica (pano de fundo da ação), qual seja a Revolução Farroupilha, guerra civil de cunho federalista, irrompida neste Estado em 1835, cuja causa principal foi a revolta das oligarquias locais contra a hegemonia político-econômica do Sudeste sobre as demais regiões, e que quase separou o Rio Grande do Império brasileiro. Regionalista porque o romance está todo condicionado ao meio social em que vivem as personagens — o litoral e a campanha —, atento à terra — ao que ela oferece e ao que ela nega —, pela tradição, pelos usos, costumes, pelo emprego de um vocabulário próprio desta região brasileira (como, por exemplo, "guasca", "ginete", "poncho", entre outras). O regionalismo está presente na devoção e no apego à terra natal, numa fé inabalável em um Deus que protege os bons e que castiga os maus, no orgulho do homem da terra gaúcha, depositário de todas as qualidades, e no menosprezo ao estrangeiro, o anti-herói. O herói é o gaúcho — o monarca das coxilhas — detentor de qualidades, como a valentia, lealdade, bondade, beleza. Regionalista, enfim, porque é um romance com as cores do Rio Grande.

A ação de *O corsário* — cuja efabulação é tipicamente romântica, evidenciada pela presença constante da natureza, com a descrição de paisagens, pela pluralidade geográfica (o autor desloca os personagens de um lugar para outro), pela marcação do tempo e pelo diálogo — ocorre durante a Revolução Farroupilha, de quem Caldre e Fião foi contemporâneo, e o tema é a paisagem, os usos e os costumes do Rio Grande do Sul.

O romance está dividido em oito quadros.

No primeiro quadro, além da localização geográfica, das descrições da paisagem e de alguns dos personagens nativos, que sobreviviam dos destroços dos naufrágios (fato corriqueiro na época), o autor introduz mais duas personagens que desempenharão papéis de suma importância para a trama. Os dois homens que se salvaram do naufrágio: um deles, Giacoppo, marinheiro; o outro, o capitão, Vanzini, homem de passado obscuro (que poderá ser identificado com a figura de Giuseppe Garibaldi). Ambos são italianos. Vanzini é encontrado por Maria, moça praiense. A moça apaixona-se pelo capitão, com quem foge e por quem é iludida. Maria volta para a casa dos pais com a honra imaculada e o italiano, o corsário, encontra protetores por todos os lugares por onde passa, traindo-os todos, e querendo ser vingado por eles, inclusive por seu companheiro de viagem, Giacoppo, um conde italiano que tivera, em Veneza, a irmã desonrada por Vanzini.

Os quadros seguintes — do segundo ao sétimo — constituem-se de buscas, negociações, descrições estáticas, diálogos, planos para a Revolução, planos de vingança; o aparecimento de Gomes Jardim e de Bento Gonçalves se dá no terceiro quadro.

O último quadro — o oitavo — apresenta a morte de Vanzini pelos seus comparsas, o casamento de Maria e de João Martinho, o "vaqueano" que sempre a amara, a felicidade geral para os bons, para os virtuosos que continuarão a viver temerosos de Deus. Dá-se, também, o castigo para os maus.

Caldre e Fião descrevendo a vida das populações habitantes do litoral do Rio Grande, "perpassa pelo romance o sopro épico da Revolução Farroupilha"². Apresenta, com veracidade, cenas (de conspiração) cujos personagens tomaram parte da Revolução, como Bento Gonçalves, Bento Manoel Ribeiro e tantos outros.

A reedição de *O corsário*, romance histórico-regionalista, é de suma importância, principalmente pelo valor intrínseco que encerra, não só aos estudiosos de literatura sul-rio-grandense, mas, também, àqueles que têm, sobremaneira, interesse pelo Rio Grande do Sul, pelas suas tradições, usos, costumes, pelo seu povo, já que na obra encontram-se elementos sócio-políticos e econômicos da época em que foi escrito, o que permitirá um conhecimento bastante real do Estado sulino.

NOTAS

1. CESAR, Guilhermino. Introdução. In: CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. *O corsário*. 2. ed. Porto Alegre, Movimento; IEL; INL, 1979, p. 6.
2. ———. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 144. Província, v. 10.

Maria Rita Ponal Motta
Bolsista da FAPERGS

O regionalismo literário rio-grandense, pautado na configuração do mito do gaúcho heróico, tem sua origem na tradição oral do cançãoeiro popular. Desenvolveu-se, especialmente, sob a tutela do ufanismo que caracteriza mais de uma geração de escritores, historiadores e críticos.

Através de relatórios dos viajantes europeus, como Auguste de Saint-Hilaire (1), Arsène Isabelle (2) e Nicolau Dreys (3), a historiografia compõe um quadro da vida econômico-social das primeiras décadas do século XIX, evidenciando as atividades pastoris já fixadas como tônica do desenvolvimento do Estado.

As impressões dos viajantes, evidentemente pessoais, e o conhecimento de documentos oficiais demonstram o estabelecimento da pecuária como sistematização das antigas "arreadas", primitiva forma de sobrevivência — e garantia da fixação do território — dos grupos que deram origem à comunidade sulina na chamada era do "couro".

A partir dessas informações, que registram o desenvolvimento da Colônia do Santíssimo Sacramento e a estrutura das primeiras "estâncias" criadoras de gado, os historiadores erigiram uma versão eufórica da evolução social e política rio-grandense, enfatizando apenas os aspectos mais notáveis e positivos.

Do posicionamento de estudiosos como Manoelito de Ornelias (4), Moisés Vellinho (5) e Arthur Ferreira Filho (6), entre outros, resulta uma visão histórica que, por não possibilitar uma legítima conscientização do leitor diante da realidade, torna-se conivente com uma mitificação do gaúcho como tipo representativo do Rio Grande do Sul.

Esta linha da historiografia, à qual a literatura de ficção adere, corresponde, de certa forma, ao que Antonio Candido (7) denomina literatura de agregação, nas fases de instituição das pequenas comunidades. Esta classificação refere-se à arte literária construída em função da afirmação de uma ideologia mantenedora de uma dada estratificação social. No caso, trata-se da ideologia de sustentação dos latifúndios pecuaristas.

Em sentido geral, no entanto, essa característica do regionalismo gaúcho é uma decorrência natural das verdadeiras condições da literatura brasileira.

No Brasil, como em todos os países colonizados, a ideologia de agregação apresenta-se excepcionalmente ativa, essencialmente ligada à necessidade popular de afirmação de uma nacionalidade incipiente. Este parece ser o ponto fundamental de todo questionamento em torno do papel do regionalismo na instituição da literatura nacional.

A ansiedade nacionalista caracterizou a nossa literatura desde quando, ainda no período colonial, mesmo filiado à inevitável importação cultural, um escritor como Gregório de Mattos Guerra destaca-se pela mínima aproximação que sua obra possa apresentar em relação à realidade social brasileira.

O regionalismo literário vem constituir uma forma de continuidade dessa ansiedade nativista, rumo ao amadurecimento. Mesmo as limitações, que fizeram da maior parte dos nossos regionalistas observadores ufanistas dos aspectos pitorescos da terra e da gente brasileiras, justificam-se pela mesma contingência da transplantação cultural.

Autores distintos como Lúcia Miguel-Pereira (8) e Néelson Werneck Sodré (9) apontam o naturalismo, por sua influência sobre o regionalismo, como o primeiro momento significativo da reação literária à transplantação cultural, no Brasil.

No Rio Grande do Sul, a perspectiva crítica da questão regionalista cabe a estudiosos que, ou provenientes de outras regiões, ou distintamente posicionados, se desassociam da estabilização ideológica, alcançando a compreensão do fenômeno de forma bastante lúcida e ampla.

Esses estudos mostram como, da linguagem ufanista e dos detalhes isolados da conformação do Estado, aliados à mentalidade típica do canção-neiro, surge o gauchismo, incorporando à história e à ficção regionalista rio-grandense o mito do "monarca das coxilhas".

Guilhermino Cesar (10), o crítico que vê na literatura regionalista gaúcha um tratado de sociologia, tem papel relevante, com seus estudos da história e da literatura estaduais, na conscientização analítica proveniente de uma abordagem desmitificadora do gauchismo.

Por outro lado, investigações como as que são desenvolvidas por Joseph Love (11), Fernando Henrique Cardoso (12) e Sérgio da Costa Franco (13) apresentam, pelos dados que divulgam ou pela posição que defendem, o reverso da moeda cuja estampa única é, até então, a figura do "centauro dos pampas".

Mas, sem dúvidas, o grande mentor da visão crítica desmitificadora do "centauro" é Augusto Meyer (14). Seus estudos formulam o mais profundo questionamento do gauchismo literário. Desde o vazio inerente à própria essência como fruto de uma euforia fantasiosa até aos valores permanentes dessa instituição artística regional, nada escapa à lucidez do Autor.

A posição de Meyer é representativa do pensamento de intelectuais como Dionéllo Machado (15) e Carlos Dante de Moraes (16). O primeiro aponta os fundamentos econômicos do regionalismo e o segundo interpreta as razões psicológicas do ufanismo gauchesco.

Atualmente vêm sendo desenvolvidos estudos num sentido de aprofundamento e sistematização dos problemas do regionalismo literário em sua versão sulista.

Regina Zilberman (17), em estudo bastante abrangente, relacione o gauchismo ao mito presente na literatura brasileira desde Alencar até ao Modernismo. A Autora vê no gaúcho a figura central de um universo mítico não

ligado à fundação de seu povo, mas à manutenção de uma estrutura de classes. Para Zilberman, no regionalismo rio-grandense, o mito foge ao habitual papel que remonta às civilizações primitivas e aos textos bíblicos, supervalorizando o indivíduo que não é o maior beneficiado numa escala social já solidamente estruturada. A ilusão mítica evidencia-se, então, pela função de suprir carências subjacentes.

Lígia Chiappini de Moraes Leite (18) propõe a tese do Modernismo tolhido pelo serviço que os textos gauchescos prestam à ideologia do poder econômico-político. Identifica um modelo fixo das narrativas, cuja mesmice é determinada pelo axioma ideológico comum a toda a produção regionalista do início deste século.

Tanto Zilberman quanto Moraes Leite enfatizam a importância de Simões Lopes Neto como único escritor que consegue elevar o nível estético do nosso regionalismo. Essas duas autoras correspondem à teoria barthesiana das mitologias (19), segundo a qual princípios específicos definem os mitos como "falas" típicas das sociedades modernas.

O curso percorrido pela crítica, das impressões mais esclarecidas ao coerente exame das estruturas narrativas, resulta numa visão enumeradora dos elementos componentes do mito do gaúcho e das determinantes do seu papel na cultura regional.

Estabelecida sobre a valorização do passado histórico, em confronto com o presente, que assinala a transformação da economia rural, a estrutura do mito do gaúcho é sustentada por um código de honra. Este reúne a imagem do primitivo camponês, de obscuras origens e responsável pelas "arreadeiras", indevidas apropriações de gado comuns nos séculos XVII e XVIII — depois reafirmadas pelo contrabando — ao lendário guerreiro das revoluções do século XVIII. Sob as idéias previamente manipuladas da liberdade bem comportada, da coragem insana e do forte amor pela terra, configura-se o protótipo representativo de um povo cujo jugo sócio-político sempre foi opressivo e discriminante.

Apesar das limitações, é lícito repetir, o regionalismo gaúcho cumpriu seu papel no processo de desenvolvimento literário, no Estado e no País. Desde Alcides Maya, com a seriedade das questões sociais, passando pelas magníficas realizações lingüística e temática de Simões Lopes Neto, até ao desenvolvimento do "gaúcho a pé" realizado por Cyro Martins, o que ocorre é um inegável amadurecimento artístico, devidamente reconhecido pela crítica especializada.

Esta crítica, por sua vez, está devidamente representada na ficção adulta, resultante desse processo, pelo Floriano de *O tempo e o vento*, personagem autobiográfica de Erico Verissimo, que responde à dúvida diante da idéia da queda dos mitos rio-grandenses: — "Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem flaca de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade" (20).

- 1) Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821). Rio de Janeiro, Ariel, 1935.
- 2) Cf. ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1833-1834). Porto Alegre, SECRS, 1946.
- 3) Cf. DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande do São Pedro do Sul*. Rio de Janeiro, Villeneuve e Comp., 1839.
- 4) ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e beduínos* (A origem étnica e a formação do Rio Grande do Sul). Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- 5) VELLINHO, Moisés. *Letras da Província*. Porto Alegre, Globo, 1960.
- 6) FERREIRA Fº, Arthur. *História geral do Rio Grande do Sul 1503-1974*. Porto Alegre, Globo, 1974.
- 7) Cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, nacional, 1967, p. 53.
- 8) Cf. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção — de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956, p. 161.
- 9) Cf. SODRÉ, Nelson Weineck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, p. 405.
- 10) CESAR, Guilhermino. *A vida literária no Rio Grande do Sul*. In: *Rio Grande do Sul — terra e povo*. Porto Alegre, Globo, 1964.
 ————. *História do Rio Grande do Sul — período colonial*. Porto Alegre, Globo, 1970.
 ————. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1971.
- 11) LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 12) CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 13) FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- 14) MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo, Martins, 1943.
 ————. *Gaúcho — história de uma palavra*. Porto Alegre, Globo; IEL, 1957.
 ————. *Cancioneiro gaúcho*. Porto Alegre, Globo, 1959.
- 15) MACHADO, Dionélio. *Os fundamentos econômicos do regionalismo*. In: *Província de São Pedro*. Porto Alegre, Globo, 1945, n. 2.
- 16) MORAES, Carlos Dante de. *Condições histórico-sociais da literatura riograndense*. In: *Província de São Pedro*. Porto Alegre, Globo, 1954, n. 19.
- 17) ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.
- 18) LEITE, Lígia C. de Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Ática, 1978.
- 19) Cf. BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Difel, 1978, p. 143.
- 20) Cf. VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 863.

Alda Maria do Couto Ghisolfi

epecê
gráfica

Av. Santo Gonçalves, 4080

Telefones: 23.80.64 e 23.80.96

CEP 90.000 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL